



METROPOLE

SSA-BA

09 SET 2021



A DEMOCRACIA CONTRA-ATACA

Após atos antidemocráticos incitados pelo presidente Jair Bolsonaro, Senado Federal e STF se organizam para frear ação golpista e partidos falam abertamente em impeachment. Págs 4 e 5.



Ocorrências de 7 de setembro

James Martins

Rolou muita expectativa em torno desse 7 de setembro. Misto de ansiedade e déjà-vu. Teria golpe, não teria golpe? Muito também já se analisou sobre o que de fato ocorreu. Por isso, falarei apenas da parte que me cabe neste latifúndio, isto é, frivolidades. Afinal, ninguém é de ferro e o país tá uma chatice de amargar.

A QUESTÃO CENTRAL

7 de setembro é também aniversário do Colégio Central da Bahia, que celebrou 184 anos nesta terça. Ali ensinou o professor Francisco da Conceição Menezes, hoje praticamente esquecido, mas um mestre influente sobre gerações. Quando ele morreu, em 1959, um de seus ex-alunos, Carlos Marighella, vivia na clandestinidade e era considerado o “homem mais procurado da Bahia”. Ainda assim, o comunista compareceu ao velório no salão do colégio. “Vim cumprir meu dever”, disse, batendo no ombro de Cid Teixeira.

De frente para ambos, estava o secretário de Segurança Pública do estado, também ex-aluno de Conceição Menezes, no mesmo cumprimento do dever

afetivo. Segundo Cid, o delegado viu o fugitivo, a uma curta distância, mas respeitou a peculiaridade do momento. Depois o caixão desceu, ganhou as ruas e, em certa altura, Marighella (que usava o codinome de Professor Menezes na clandestinidade), bateu novamente no ombro amigo, disse “cumpri meu dever” e ganhou mundo. A caçada continuaria. Mas, naquele momento, os ex-alunos puseram em suspensão suas missões políticas em nome de algum valor mais elevado.

O TCHAN DA QUESTÃO

Foi também no Central que se formou o Gera Samba, grupo que depois ganharia o Brasil e o mundo, com um sucesso atrás do outro, como É o Tchan. No caso, Cumpádi Washington e sua turma filavam aula pra pagodear. As mães e mestres, é claro, condenavam a vagabundagem, mas não adiantava nada. Sorte deles.

O MAIS QUERIDO

Outra instituição baiana que nasceu num 7 de setembro (e está tão sucateada como a escola pública) foi o Esporte Clube Ypiranga. Mais especificamente em 7 de setembro de 1906. Em sua celebração de 115 anos, o mais querido está, infelizmente, inativo, mas sempre po-

derá ostentar ter em sua torcida a aura dos escritores Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro e, mais ainda, de Santa Dulce dos Pobres.

Por outro lado, os fracassos que amargou na reta final do acesso à primeira divisão do Campeonato Baiano talvez sejam a prova de que milagre em futebol não existe.

1 DE 1282

Falando em futebol, no dia 7 de setembro de 1956, o menino Pelé, nova contratação do Santos, com apenas 15 anos, marcou seu primeiro gol profissional. O jogo foi contra o Corinthians de Santo André. E o goleiro que levou o primeiro dos 1282 tentos que o rei marcaria, fez questão de se gabar do feito até o fim da vida. Ele mandou fazer um cartão de visitas onde se apresentava assim: “Zaluar Torres Rodrigues - Goleiro 1º gol de Pelé”.

PORTO DO MOREIRA

Diferentemente do Central e do Ypiranga, o restaurante Porto do Moreira fez aniversário em excelente forma neste 7 de setembro: 83 anos! Imune à degradação do centro da cidade, a casa de pasto permanece também a salvo dessas supostas modernizações que dão a tudo ares de fast-food. Que venham mais 83! Ou 1282!

Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Editor-chefe **André Uzêda**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Alexandre Santos, Gabriel Amorim, Geovana Oliveira, Juliana Rodrigues e Luciana Freire**
Revisão **André Uzêda e Redação**

Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br

Rua Conde Pereira Carneiro, 226 Pernambuco CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000





VOCÊ PODE TOMAR A 3ª DOSE DA VACINA NO POSTO, NO DRIVE OU ATÉ EM CASA. SÓ NÃO PODE DEIXAR DE TOMAR.

Idosos com 80 anos ou mais que tomaram a segunda dose há mais de seis meses e que estejam com o nome no site da Secretaria Municipal da Saúde agora já podem tomar a terceira dose da vacina contra a covid. E, pra quem tem dificuldade de locomoção, a Prefeitura disponibiliza o serviço Vacina Express. É só entrar no site vacinaexpress.salvador.ba.gov.br e agendar o seu atendimento. A equipe da Prefeitura vai a sua casa e aplica a vacina.

**CONFIRA SE SEU NOME
ESTÁ CADASTRADO:**

www.saude.salvador.ba.gov.br



As reações aos ataques de setembro

Mesmo combatidas, instituições nacionais sobem o tom contra Bolsonaro, após presidente incitar atos antidemocráticos em todo país

Fotos **Manuela Cavadas**

Texto **Geovana Oliveira**

geovana.oliveira@radiometropole.com.br

A radicalização proposta pelo presidente Jair Bolsonaro (sem partido), ao incitar atos antidemocráticos em todo país, acionou a mecânica do sistema de freios e contrapesos da democracia brasileira, adormecida no último triênio.

Os cartazes golpistas, levados por fanáticos em verde-amarelo, e chancelados pelo discurso violento do presidente contra o Supremo Tribunal Federal (STF), provocou as primeiras reações mais enérgicas de autoridades e agentes políticos. Nesta quarta-feira, o presidente do Supremo Tribunal Federal, Luiz Fux, disse que a ameaça de Bolsonaro de descumprir decisões judiciais do ministro Alexandre de Moraes, se for confirmada, configura “crime de responsabilidade”.

Já no Congresso, integrantes de vários partidos pressionam mais uma vez pelo impeachment. Em entrevista à **Rádio Metropole**, o governador de São Paulo, João Doria, disse que acredita que a força das ruas decidirá a retirada do presidente, citando os atos contra Bolsonaro marcados para acontecer neste domingo — 12 de setembro.

Todos os olhos, no entanto, se direcionam para o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), que tem o poder de dizer sim ou não para a abertura do impeachment.

Ao se posicionar, Lira afirmou não ver mais espaço para “radicalismos e excessos”, mas não deu qualquer indício de que vai finalmente levantar-se da pilha de mais de 130 documentos que pedem a deposição de Bolsonaro.

Com isso, os brasileiros continuam os dias após o 7 de setembro sentados em um “barril de pólvora”, cenário descrito pelo professor de política da Faculdade de Comunicação da Ufba, Wilson Gomes, para definir o país. De acordo com o pesquisador, também colunista da **Rádio Metropole**, a partir de agora “pode acontecer qualquer coisa”.

Os especialistas, no entanto, concordam que uma coisa dificilmente acontecerá: a reeleição do presidente em 2022.

A professora Ariane Roder, de ciência política da UFRJ, diz que os atos de 7 de setembro foram coordenados pelo Planalto e bolsonaristas a fim de dar respostas ao isolamento do presidente e a algumas

ações na justiça que circundam seus familiares e amigos.

“Além disso, inflação e desemprego em alta, crise energética assolando, queda no apoio ao presidente, pandemia e as eleições de 2022 se aproximando são questões que têm feito com que o presidente busque reativar sua base de apoio por meio de manifestações de rua e pautas antidemocráticas, que tiram o foco dos reais problemas estruturais que vive o país”, afirma.

CONVOCAÇÃO

Durante dois meses, o presidente convocou manifestações a favor do governo federal e contra o STF. Com isso, todas as 27 capitais registraram atos considerados antidemocráticos.

Bolsonaro compareceu a dois deles, em Brasília e na capital paulista, onde chamou as eleições de “farsa”, disse que só sai da presidência “preso ou morto” e afirmou que não mais obedeceria as decisões de Alexandre de Moraes, no STF, ou as de Luís Roberto Barroso, no TSE.





1

Manifestação no Farol da Barra:

Foto 1: Militante pede intervenção militar no Brasil.

Foto 2: Em inglês, bolsonarista chama Lula de ladrão e diz que não dá para confiar na esquerda brasileira.

Foto 3: Militantes tentam deslegitimar STF
Foto 4: Pedido por nova Constituição no país



2



3



4

Em Salvador, os manifestantes, sem máscara e aglomerados na Barra, pediam o impeachment de Alexandre de Moraes, protestaram contra políticos opositores a Bolsonaro — como o senador Otto Alencar (PSD) — e chegaram a ressuscitar uma frase da ditadura: “Brasil, ame-o ou deixe-o”.

Como resultado, o sociólogo e cientista político Sérgio Abranches, afirmou que Bolsonaro ultrapassou a última fronteira de possibilidade de convivência democrática entre os poderes.

O advogado Marcello Antonio Fiore, vice-presidente da Comissão de Direito Constitucional da OAB-SP, disse estar claro que o presidente Jair Bolsonaro atentou contra a Constituição de 1988 nas declarações feitas no dia da celebração da Independência do Brasil. “Nos casos de Fernando Collor e Dilma, foi-se para a lei do impeachment, mas se direcionou a situação por uma caracterização de crime ou tentativa. No caso da terça-feira, as infrações são diretas. Se você vai para o artigo 85 da Constituição, existem os incisos II, III e VII que ele está ferindo”, afirma o advogado.

As instituições democráticas brasileiras estão enfraquecidas, segundo Abranches. Com o Congresso fragmentado, com bancadas fracas, nenhuma é capaz de se impor isoladamente e o legislativo fica muito menos ativo em sua função, deixando o STF sobrecarregado.

“As instituições estão no limite de suas forças, mostrando que a gente precisa aperfeiçoar os mecanismos de freios e contrapesos se a gente quiser de fato preservar a democracia no Brasil”, diz.

Ainda de acordo com Abranches, já estão garantidas todas as condições extraparlamentares para um impeachment, como apoio popular e razões para tal impedimento.

Em relação às condições políticas, ele diz que, a partir de terça, partidos que estavam se recusando a examinar a hipótese da deposição, como o MDB, PSDB e PSD já passaram a considerá-la. No entanto, tudo retorna a Arthur Lira.

“Tem uma falha institucional. Não é aceitável que o presidente da Câmara tenha tanto poder pessoal idiossincrático e discricionário de aceitação de um processo de impeachment. Deve ter regras mais claras. Ele não pode sentar em cima, porque aí vira um instrumento de chantagem e de barganha política e não é esse o espírito do impeachment”, afirma.



Preso, morto ou com vitória

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metropole

Enquanto os apoiadores de Jair Bolsonaro continuam nas ruas com palavras de ordem divinas, no mote “o Brasil acima de tudo; Deus acima de todos”, o lema agora adotado pelo presidente e repetido em cima de carrocerias de caminhão mudou, ganhando contornos mais ao gosto do populismo autoritário e ameaçador: “Só saio preso, morto ou com vitória”. E em seguida, lança as advertências: “Eu nunca serei preso”, e “quando entrei no Exército, lá atrás, jurei dar minha vida pela pátria. E tenho certeza que vocês todos, também de forma consciente, juraram dar sua vida pela sua liberdade”. Isso foi repetido para milhões no comício do fim do mundo, realizado no Sete de Setembro, na Avenida Paulista, em São Paulo.

Com essa ameaça embalada em heroísmo patriótico cafona, do tipo que apela para as massas com a possibilidade de morte e a convocação do que resta do seu eleitorado para fazer o mesmo, Bolsonaro reedita essa sina maldita da América Latina e seus ridículos tiranos populistas. Parecemos presos a uma repetição em ciclos da história como tragédia e como farsa, simultâneas, sobrepostas. Bolsonaro, sob o silêncio do coro surdo de ministros indicados a partidos políticos que têm obrigado o país a pagar bem caro para ver até onde vai o desmonte acelerado de tudo, da economia aos prédios públicos em sua estrutura

física, radicalizou em São Paulo. Ao seu modo, derrubou a mesa e anunciou o golpe, ao decretar nas ruas que vai desprezar a legalidade do país.

Os insanos que marcham nas ruas cobrando de voto impresso a combate à homossexualidade dobram a aposta a cada radicalização do presidente. Ignoram a realidade ao redor. O desemprego, a volta da fome como fenômeno, o preço da gasolina, a falta de projetos públicos em andamento. O governo não tem agenda e concentra todos os seus esforços numa antecipada campanha eleitoral com um roteiro único: atacar e derrubar o Supremo Tribunal Federal.

SUGADORES DE TETAS

Vamos às hipóteses. Digamos que fosse possível atender o desejo populista militaresco do capitão e alguns ministros do STF fossem derrubados. O que aconteceria no instante seguinte, no day after? Como, seguindo a lógica do bolsonarismo, a queda de um ou dois ministros mudaria o fluxo do sucesso da gestão hoje inexistente do presidente? A não ser que alguém seja capaz de apontar quais são as medidas econômicas que Bolsonaro não pôde realizar Brasil adentro porque o STF impediu. Não há projeto, não há ação governamental que esteja no modo pause por ação do Supremo. A pauta do golpe do presidente,

ao anunciar que só Deus, a prisão ou a morte o tiram de lá é exatamente a bucha de lixo usada para ficar onde sempre esteve, parado, inativo, e fazer campanha eleitoral diariamente com todas as contas da movimentação publicitária pagas pelo estado.

Como já advertiu que ninguém o prenderá e que não admite a realização de eleições do modo como hoje elas são realizadas, do modo como ele mesmo foi eleito, sempre é bom reprimir, e partindo do pressuposto que ninguém pretende matá-lo, o que seria a única opção considerável por Jair Bolsonaro? A vitória, pela via do golpe institucional, que ele já anunciou ao dizer que ignora o Supremo. Dado, o golpe está. Só não se mantém se o outros poderes, mas, principalmente, os partidos que lhe dão sustentação, tomarem uma atitude. Mas os partidos e seus donos e presidentes preferem fazer a egípcia e repetir a lenga-lenga: as instituições estão funcionando e a institucionalidade está preservada.

Há controvérsias. Preservadas mesmo estão as torneiras dos recursos públicos para os parlamentares e ministros das siglas beneficiadas. Nomes baianos de peixes ensaboados que fazem contorcionismos para ficar na moita e manter seus ministérios não faltam. O problema não é Bolsonaro. São os sugadores das tetas do bolsonarismo. Todo mundo sabe de quem se está falando.





manuela cavadas/metropress

Pedido de 'impeachmentima' e palavras em inglês

Apoiadores de Jair Bolsonaro inovaram ao levar para o ato do 7 de Setembro em Salvador uma versão, digamos, poliglota de suas bandeiras em defesa da família, da moral e dos bons costumes. Durante a manifestação na orla da Barra, a turba verde-amarelo desfilou um sem-número de cartazes com críticas em diferentes idiomas — a maioria em inglês, apesar do tom patrioticamente propagandeado. As reprimendas se revezavam entre os costumeiros pedidos de fechamento do STF, volta da ditadura e “não ao passaporte sanitário”, medida que veda a entrada de turistas no país sem a devida comprovação de vacinação contra a Covid. Uma peça em especial chamou atenção, diante de uma série de erros ortográficos. Otto Alencar (PSD) e Omar Aziz (MDB), integrantes da CPI da Covid, e o ministro Alexandre de Moraes, foram rebatizados de “Otton Alencar”, “Omar Azis” e “Alexandre de ‘Morais”, contra quem vociferaram por um “impeachmentima” —em vez de impeachment.

Grito sem força

Sob o mote “Fora, Bolsonaro” e em defesa da democracia, a 27ª edição do Grito dos Excluídos, na região central, foi uma espécie de contraponto à manifestação bolsonarista ocorrida na orla da Barra. De um evento tradicional e irreverente realizado desde 1995, a manifestação surge cada vez mais esvaziada. Empunhando faixas e cartazes com palavras de ordem, algumas dezenas de militantes, partidos de esquerda, centrais sindicais e representantes e movimentos sociais repetiram neste ano o tom crítico ao desastre que o país atravessa, num cenário agravado pelas crises institucional, sanitária e econômica. As reivindicações incluíram questões relacionadas à vacina contra Covid, o aumento da fome, o desemprego crescente e à privatização de estatais.



foto do leitor/divulgação

'Flopada' festejada

O esvaziamento que se confirmou nos atos bolsonaristas país afora foi celebrado com entusiasmo no Palácio de Ondina. Segundo fontes próximas ao governador Rui Costa (PT), embora não tivesse esperado distúrbios durante a manifestação na capital, o chefe do Executivo avalia que chegou a hora das oposições darem uma resposta ainda mais expressiva nos próximos protestos contra o presidente. Sem uma estimativa oficial de público, organizadores das manifestações favoráveis ao governo em Brasília esperavam em torno de 2 milhões de pessoas na Esplanada dos Ministérios, considerada palco central da mobilização.



tacio moreira/metropress

Sem namoro

Ao menos publicamente, ACM Neto continua a tratar como especulação a possibilidade de fusão entre o Democratas e o PSL, ex-sigla de Jair Bolsonaro, comandada por Luciano Bivar. Segundo interlocutores, apesar das negativas do ex-prefeito e resistência de caciques aliados, a legenda mantém conversas adiantadas de olho nos ganhos políticos da eventual união. Calcula-se que, caso o movimento seja oficializado, o DEM —que tem 28 deputados federais— dobrará de tamanho caso junte-se ao PSL, dono de 53 assentos na Câmara. Se de fato vingar, a nova agremiação somará 81 deputados e 7 senadores, o que ampliará o poder de fogo dos dois partidos nas eleições ao Planalto em 2022. O número, contudo, não leva em conta os eventuais dissidentes que poderão resultar da eventual associação. Nos bastidores, ventila-se que o martelo poderá ser batido em encontro nas próximas semanas.

Coronel, o 'traidor'

Integrantes da base governista de Rui Costa (PT) andam irritados com Angelo Coronel (PSD). Na visão de aliados, o pessedista tem destoa-do do correligionário Otto Alencar e do petista Jaques Wagner ao ratificar pautas governistas no Senado. Em junho, por exemplo, Coronel foi o único entre os três a votar a favor da MP que autoriza a privatização da Eletrobras. No início deste mês, diferentemente dos colegas baianos, Coronel repetiu a dose, ao avalizar a minirreforma trabalhista que previa jovens sem direito a férias, 13º salário e FGTS. Para piorar, o senador não deu as caras durante a visita de Lula à Bahia. Emparedado nas redes sociais, Coronel saiu-se com essa: “Sou a favor de qualquer matéria que venha a contribuir para abertura de mais postos de trabalho, não importa a origem”.

14 milhões sem emprego

Recessão econômica derruba padrão de vida do brasileiro e aumenta número de desocupados no país. Informalidade e 'Pejotização' viram saída

Texto **Luciana Freire**
luciana.santana@metro1.com.br

A renda média de trabalho dos brasileiros é a mais baixa dos últimos 10 anos. No total, mesmo com a ligeira recuperação da economia com o avanço das vacinas, o país tem 14,4 milhões de desempregados.

Na Bahia, cerca de 80% dos baianos recebe até dois salários mínimos. Além disso, o estado é o segundo com maior taxa de desocupados no segundo trimestre de 2021 no país — perde, apenas, para Pernambuco.

Muitos destes dados são reflexo da profunda recessão econômica que o país mergulhou desde 2013, agravada de forma decisiva pela pandemia do coronavírus.

Para o sociólogo José Pastore, professor da USP e pesquisador das relações de emprego e renda, muitos postos de trabalho foram perdidos no último um ano e meio. E, quem mais sentiu, foi a



população de baixa renda. “A destruição atingiu de uma maneira muito desigual os brasileiros. Os que foram mais afetados foram aqueles que têm menos educação. Aqueles também de renda mais baixa, principalmente os informais e as mulheres”, aponta.

As taxas de desocupação no estado foram divulgadas na última semana pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ela mede a proporção de pessoas de 14 anos ou mais que não trabalham, as que procuraram trabalho e estão disponíveis e compara com o total de pessoas que estão empregadas. Segundo os dados, oito de cada dez pessoas que passaram a trabalhar na Bahia, do primeiro para o segundo trimestre, eram informais. Em números: dos 260 mil ocupados, 208 mil vivem na informalidade.

Apesar do agravamento do desemprego em função da crise sanitária, o economista e vice-presidente do Conselho

Regional de Economia da Bahia (Corecon-BA), Gustavo Casseb Pessoti, defende que o drama dos desocupados na Bahia já é perceptível nos últimos cinco anos. “Vivemos uma recessão. Agora, a Bahia perdeu a Ford, daí você tira o que temos de mão de obra qualificada que saiu daqui”, analisa.

PRECARIZAÇÃO

Segundo Pastore, a pandemia afetou principalmente o setor de serviços.

“A razão disso é que esses informais e mulheres, em geral, trabalham em setor de serviços. Serviços domésticos, serviços ligados ao lar. E, com a pandemia, as famílias ficaram com medo de que manter uma empregada doméstica, que vai e volta todo dia do trabalho, poderia contagiar os familiares. Até mesmo pra contratar um pedreiro ou então um electricista, fazer um reparo na casa, essas pessoas ficaram totalmente sem trabalho e sem renda”.

tacio moreira/metropress



Ao **Jornal da Metropole**, a presidente do Sindicato das Domésticas, Creuza Oliveira, conta que a categoria é uma das que mais sofre com a falta de direitos no país. Nos últimos anos houve uma política de concessão de benefícios, por parte do governo federal, para que os empregadores assinassem a carteira das domésticas. A adesão não foi significativa, o benefício acabou, e, com a pandemia, as empregadas domésticas voltaram à informalidade.

“Pra se ter uma ideia, com a crise sanitária, muitas foram constrangidas a morar no local de trabalho, para que não houvesse risco de se contaminar e transmitir o vírus para os moradores da casa. A pandemia só escancarou um problema que existe faz tempo. Hoje atendemos uma senhora de 61 anos, que trabalhava em uma casa há 18, sem carteira assinada. Ela já poderia se aposentar por idade, mas não teve nenhum aporte”, diz Creuza.

“Era isso, ou ficar parado. Mas a gente tem família, né, não pode parar”, desabafou Edvaldo Santos, entregador de comida por aplicativo. Antes da pandemia Edvaldo trabalhava em uma empresa, era um “faz tudo”, mas foi demitido quando a crise apertou e viu como saída trabalhar como entregador. “Antes da crise eu pretendia abrir meu negócio, e logo vou investir nisso. Trabalhar no aplicativo não é vida”, afirma.

PEJOTIZAÇÃO

Além dos informais, há uma outra modalidade que tem avançado nos últimos anos, também à margem da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), encolhendo os postos formais de trabalho. São os funcionários falsamente contratados como PJ (pessoa jurídica) nas empresas.

Na análise de Pastore, o problema surge quando uma empresa tenta empregar como PJ um trabalhador que tem todas as características de um empregado. “Se tem assiduidade na empresa, é contratado por um tempo determinado, está subordinado a um chefe... Essas características são de emprego, protegido pela CLT, como também da lei previdenciária. Nesse caso há um desvio de finalidade causando prejuízo ao trabalhador. Por exemplo, 75% das famílias contratam empregadas domésticas sem nenhuma proteção social”, diz.



2021: além da escuridão

Crise hídrica no Brasil rememora fantasma de exatos 20 anos, quando país enfrentou racionamento de energia; especialistas pontuam diferenças entre períodos, mas não atenuam preocupações

Texto Juliana Rodrigues
juliana.rodrigues@metro1.com.br

Em julho de 2001, quando a escassez de chuvas provocou uma queda no nível dos reservatórios das usinas hidrelétricas, os brasileiros passaram a conviver com um racionamento de energia elétrica. Vinte anos depois, a história praticamente se repete, devido à estiagem nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, locais com maior capacidade de geração do país. A seca é a maior dos últimos 90 anos.

Em pronunciamento no último dia 31 de agosto, transmitido em cadeia nacional de rádio e TV, o ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, pediu o envolvimento de toda a sociedade para evitar que o racionamento seja necessário. Além disso, a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) anunciou a criação da bandeira tarifária de escassez hídrica, que cobrará R\$ 14,20 a cada 100 quilowatt-hora (kWh) consumidos entre 1º de setembro a abril do próximo ano. O motivo, segundo a Aneel, é a necessidade de aumentar a geração de energia por meio de usinas termoeletricas, que têm custo mais alto.

No entanto, embora a crise de hoje se pareça com a vivida pelos brasileiros vinte anos atrás, especialistas ouvidos pelo **Jornal da Metrópole** pontuam que o cenário da geração e do consumo de energia elétrica sofreu mudanças importantes. Uma delas é a redução da dependência das usinas hidrelétricas. Dados do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) apontam que, em agosto de 2021, essa fonte respondia por 64,6% da energia gerada, contra 89,7% em 2001.

“Temos uma grande evolução. Naquele momento, praticamente toda a estrutura elétrica era formada pelas hidrelétricas. Hoje temos a energia eólica, que naquele tempo era praticamente zero. A gente ainda vem sofrendo, mas temos outras fontes que conseguem segurar um pouco essa produção”, observa o engenheiro Ramon Luz, professor do Programa de Pós-Graduação em Energias Renováveis da Universidade Salvador (Unifacs). Para ele, a diversidade de fontes assegura que não haverá racionamento, com “99% de certeza”, em suas palavras. “Podem existir apagões pontuais, porque a indústria está sendo retomada após ficar parada devido à pandemia. Isso vai gerar mais demanda elétrica”, diz.

O professor, doutor em Engenharia Mecânica e coordenador do Laboratório de Energia e Gás (LEN) da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia (Ufba), Ednildo Torres, tem uma visão menos otimista sobre o cenário. “O risco de desequilíbrio entre geração e consumo existe e é significativamente grande. Os reservatórios estão com baixa capacidade. É possível que entre outubro e novembro tenhamos uma intervenção mais segura”, afirma, acrescentando que embora as matrizes de energia elétrica tenham se diversificado, a capacidade do sistema não acompanha o aumento de consumo.

As fontes renováveis, como biomassa, energia eólica e solar, correspondem hoje a quase 20% da matriz energética brasileira.

O engenheiro e executivo da Indústria de Energia da Crowe Macro, Mauricio Salla,

faz uma ressalva sobre a disponibilidade dessa energia. “Embora a participação dessas fontes, em termos de capacidade, esteja crescendo, na ponta de consumo elas não crescem na mesma velocidade porque não conseguimos despachar a qualquer momento. A fonte renovável nem sempre está disponível a curto prazo”, explica.

APAGÃO NO BOLSO

Para além de todos os debates sobre o setor elétrico, o fato é que o consumidor já sente no bolso o peso dos reajustes tarifários. “Para uma pessoa de baixa renda, esse aumento vai na veia. Ou ela corta o consumo ou fica inadimplente. Isso é terrível do ponto de vista do desenvolvimento econômico. O Brasil precisa rever suas políticas públicas”, avalia Salla.

Ramon Luz observa que, em comparação com 2001, houve uma melhora na eficiência energética dos eletrodomésticos e aparelhos atuais, a exemplo das lâmpadas. “Embora tenhamos aumentado o número de equipamentos eletrônicos em casa, eles se tornaram mais econômicos. Hoje em dia, se você não tem uma lâmpada de LED, é importante ter. Ela é absurdamente mais econômica que uma lâmpada incandescente, que era a que usávamos naquela época”, diz. Entretanto, continuam valendo as já conhecidas dicas de economia de eletricidade, como demorar menos no banho de chuveiro quente (*ver quadro ao lado*). “Pequenas ações podem levar a uma grande economia”, acrescenta.

Ednildo Torres ainda pontua que, ao contrário do que muitos consumidores pensam, aparelhos com maior potência, como microondas e churrasqueira elétrica, não necessariamente consomem mais energia. “O consumo é medido em kWh, ou seja, a unidade Watt (W) multiplicada por mil durante o período de uma hora. Então, depende do tempo de uso. Para saber o consumo real, é preciso multiplicar a potência em watts pelo tempo de uso em horas por dia, e em seguida dividir por mil”, explica.

Mesmo assim, segundo o professor, é preciso modificar o perfil de consumo para evitar a necessidade de racionamento. “As pessoas devem reduzir para não racionar. Esta é a campanha que deveria ter. A situação pode ser amenizada se o governo começar imediatamente uma campanha de conscientização”, diz.

DICAS PRA ECONOMIZAR

Evite banhos longos com chuveiro elétrico

Evite usar aparelhos como ferro elétrico, chuveiro e máquina de lavar em horários de pico

Tire o carregador do celular da tomada quando não estiver em uso

Tire o eletrodoméstico da tomada quando não estiver em uso

Invista em iluminação LED

Evite usar a parte de trás da geladeira para secar roupas

Verifique a vedação da geladeira

Junte uma grande quantidade de roupas para passar

Use o desligamento automático de TVs e computadores

Verifique as instalações elétricas da sua residência

Troque seus aparelhos antigos por novos, mais eficientes



A moda das prefeituras debochadas



Fugindo da linguagem padrão, poder municipal de diversas partes do Brasil aposta em bom humor e abordagens inusitadas para conversar com o público nas redes

Texto Gabriel Amorim
gabriel.amorim@radiometropole.com.br

Uma amiga usa as redes sociais para ajudar o amigo solteiro a encontrar a “crush”. Nada mais comum e corriqueiro do que histórias de amor que repercutem nas redes sociais. O inusitado, desta vez, foi o caminho utilizado para fazer a busca viralizar. Foi o perfil da Prefeitura de Salvador, no Instagram, que compartilhou a história, dando uma forcinha para o reencontro dos jovens que haviam se conhecido na fila da vacinação contra Covid-19.

A decisão da prefeitura em ajudar os pombinhos fez a história ganhar a imprensa nacional e chamou atenção para uma tendência que não é exclusiva da capital baiana. Prefeituras de todo Brasil escolhem usar as redes sociais com mais humor e menos formalidade para fazer a informação chegar a maior quantidade possível de pessoas.

A mudança faz parte de um movimento já reconhecido por especialistas. “Antigamente a mídia digital existia muito pra divulgar o que a prefeitura tava fazendo de obras, a agenda do prefeito, os editais de concurso... Era uma comunicação muito técnica, muito formal. Hoje a gente tem o que se chama de humanização da marca”, detalha o professor universitário e especialista em marketing digital, Antônio Netto.

Para o professor, as mudanças fun-

cionam na capital baiana por características específicas da cidade e do público soteropolitano, que segue a prefeitura nas redes.

“Salvador é uma cidade que tem uma cultura muito forte e uma linguagem muito própria. O uso de expressões, de gírias que são muito representativas do seu público”, analisa.

A secretária de Comunicação de Salvador, Renata Vidal, avalia que o uso do humor nas redes sociais precisa levar em conta alguns cuidados. “Precisamos lembrar sempre que se trata de uma prestação de serviço. A gente tem que usar uma linguagem que seja acessível e que interesse ao público que a gente quer comunicar, mas prestando serviço”, acredita. “Às vezes, a gente vai pro lado do entretenimento, da brincadeira que é uma coisa que engaja muito. Acho que a gente tem vivido tempos muito difíceis e às vezes as pessoas buscam o entretenimento, a descontração e a leveza. A gente se preocupa em dosar, vai muito nessa linha do equilíbrio”, completa.

Um dos que foi atingido em cheio pela mudança foi o estudante Caio Sousa, de 18 anos, que passou a seguir a prefeitura depois de ver os posts compartilhados pelos amigos.

“Nunca me preocupei em seguir a prefeitura nas redes sociais, não sentia falta. Quando comecei a ver as brincadeiras, meus amigos compartilhan-

do posts, comecei a seguir e vejo que é muito útil”, diz o estudante.

POR TODO PAÍS

Se engana quem pensa que a inovação é recente ou uma exclusividade soteropolitana. Um dos primeiros casos, no qual o uso das redes sociais por um canal oficial repercutiu e chamou atenção do país inteiro, aconteceu ainda em 2014. Por meio de seu perfil oficial no Facebook, a prefeitura do Rio “pediu em casamento” a prefeitura de Curitiba. A história de amor de brincadeira chamou a atenção e acabou gerando uma ação batizada de “Casamento Vermelho”, que buscava incentivar os habitantes das duas cidades a doar sangue.

Em Aracaju, o bom humor também é uma marca de comunicação institucional. Kaike Lamoso, diretor de Mídias da Prefeitura de Aracaju, acredita que, por conta da vacinação, mais gente passou a prestar atenção nas contas institucionais.

“Essa transformação é um processo que vem acontecendo já há algum tempo, porém, como a atenção das pessoas tem se voltado de maneira massiva para as redes sociais das prefeituras, por conta da vacinação, isso voltou a ter uma evidência maior. É uma adaptação fruto da necessidade que os órgãos públicos tiveram de atrair a atenção e o engajamento da população”, diz Lamoso.

Exemplos pelo Brasil



PREFEITURA DE APARECIDA

Meme conhecido por jovens na faixa etária dos 20 anos é utilizado pela prefeitura para chamar o público da idade a procurar os postos de vacinação



PREFEITURA DE CURITIBA

Poder público utiliza recursos visuais presentes na memória afetiva dos jovens para anunciar a inclusão de nova faixa etária na campanha de vacinação

PREFEITURA DE SALVADOR

Após viralizar com post em que ajudava jovem a encontrar a "crush" na fila da vacinação, prefeitura organizou o "Match da vacina" para incentivar os jovens a irem até os postos.



PREFEITURA DE ARACAJU

Em vídeo, prefeitura responde de forma bem humorada a dúvidas dos seguidores sobre a repescagem da vacina acima dos 18 anos: vale para todas as idades acima dos 18 anos.



PREFEITURA DO RIO

Uma das primeiras ações a viralizar na internet foi o pedido de casamento feito pela Prefeitura do Rio de Janeiro para a de Curitiba, como forma de incentivar a população das duas cidades a doarem sangue



Prefeitura utiliza referência das novelas reprisadas para incentivar seguidores a buscar a segunda dose

Traçar perfil do público é fundamental

A estratégia de lançar mão do humor e de uma comunicação menos formal para alcançar mais pessoas pode estar dando certo para várias prefeituras do país, mas não existe receita para este sucesso.

Antônio Netto explica que a decisão de como usar as redes sociais, seja para uma prefeitura ou para uma empresa privada, precisa passar por uma análise cuidadosa do público.

“É claro que, numa rede social de uma prefeitura, você tem uma abrangência muito grande de perfis de público. Mas, de modo geral, precisa compreender o tipo de linguagem e o tipo majoritário de público que acessa o perfil. Não adianta fazer uma linguagem jovial se a maioria do meu público é acima dos quarenta anos, por exemplo”, explica o professor.

Para o especialista, a mudança de público acaba acarretando em uma regra importante quando o assunto é o marketing digital e o uso das redes sociais. Replicar uma estratégia de sucesso encontrada está longe de ser garantia de resultado. “Tentar replicar padrões pode não dar certo. Posso ter uma, por exemplo, uma prefeitura do interior do Rio Grande do Sul que talvez tenha um perfil de público mais sério, mais sisudo. É preciso entender a peculiaridade do seu público e não simplesmente tentar replicar um modelo que deu certo em outro lugar”, finaliza.



Responsável Técnico:
Dra. Silvana Rocha
CROBA - 14011

CURSOS DE REFERÊNCIA

para você!

INSCRIÇÕES ABERTAS

srcursos.com.br
71 9 9684 - 9438



ENTREVISTA

João Doria

GOVERNADOR DE SÃO PAULO (PSDB)



wilson dias/abr

Um dia após os atos antidemocráticos incitados pelo presidente Jair Bolsonaro (sem partido), um dos seus maiores opositores, o governador de São Paulo, João Doria (PSDB), deu uma entrevista exclusiva à **Rádio Metrópole**.

Doria disse lamentar que tanta gente tenha ido às ruas para apoiar um ladrão.

“O presidente ultrapassou todos os limites, confrontando a Suprema Corte, a Constituição e o estado democrático de direito. Ameaçando pessoas, criando aglomerações, sem máscaras, rompeu todos os princípios constitucionais. O Brasil assistiu a uma das mais patéticas manifestações já feitas e eu lamento que tantas pessoas tenham saído as ruas pra aplaudir um facínora, autoritário, negacionista, criminoso e psicopata como Jair Bolsonaro. Além de todas as características que mencionei, temos na Presidência da República um ladrão. Essa é minha opinião com todas as letras”, disse.

IMPEACHMENT

Doria defendeu publicamente o impeachment de Bolsonaro, mas disse que, mesmo que o afastamento não seja votado no Congresso, ele será derrotado nas urnas em 2022. “O destino de Bolsonaro eu já sei qual é. O ostracismo e o julgamento pelas leis do Brasil e internacionais. No plano internacional, pelo genocídio que promoveu no Brasil ao negar a vacina e promover a cloroquina, ao transformar a pandemia num ato que vitimou mais de 584 mil brasileiros, muitos dos quais poderiam estar vivos. Ele será julgado como um genocida”.

BOLSODORIA

Questionado por Mário Kertész sobre o apoio que deu ao presidente em 2018, quando formou o voto casado ‘Bolsodoria’, o tucano se disse arrependido.

“Um erro do qual eu já declarei que me arrependo profundamente. Como eu, milhões de brasileiros também erraram, como Sergio Moro, Gustavo Bebianno, Santa Cruz, Mandetta, todos que erraram, como eu, votando em Jair Bolsonaro em 2018. Mas eu não erro duas vezes e não tenho compromisso com o erro”, disse.

O governador de São Paulo ainda ironizou Bolsonaro, dizendo que ele tem um fascínio por sua pessoa. “São dois os escolhidos pelo presidente: o ministro Alexandre de Moraes e eu. É um fascínio que ele tem, inclusive pelas minhas calças apertadas. Eu não sei o que isso significa, mas Freud explica. Talvez outras teses também possam explicar sistematicamente o medo que ele tem, de Moraes e do governador de São Paulo. No fundo, Bolsonaro é um grande covarde”, diz.



reprodução

Esse movimento começou a se formar ainda no primeiro governo Lula, em 2005, na época do Mensalão

ENTREVISTA

Camila Rocha

CIENTISTA POLÍTICA

Cientista política e doutora pela Universidade de São Paulo (USP), Camila Rocha analisou, em entrevista à **Rádio Metrópole**, o surgimento da nova direita no Brasil, além dos interesses políticos desse grupo.

Ela acaba de lançar o livro “Menos Marx, Mais Mises: o liberalismo e a nova direita no Brasil”, no qual ela ressalta que este fenômeno antecede o próprio bolsonarismo.

“Esse movimento político começou a se formar ainda no primeiro governo Lula, por volta de 2005, 2006, na época da eclosão do escândalo de corrupção conhecido como Mensalão. Esse grupo defende valores diferentes do que a direita tradicional defendia. E eles não concordam com a exaltação à Ditadura Militar. Não defendem ataques diretos às instituições democráticas”, explicou Camila.

DIVISÃO

Neste momento de tensão entre o governo federal e os poderes, ela aponta que Bolsonaro nunca foi o candidato ideal para a nova direita. “Mesmo o MBL (Movimento Brasil Livre) no primeiro turno apoiou Flávio Rocha, empresário da Riachuelo. Então, o apoio a Bolsonaro foi por pragmatismo mesmo, para derrotar o PT e chegar ao poder. Sempre existiu uma certa tensão e preocupação se de fato ele iria acatar as pautas dessa nova direita, e ao longo do governo as pessoas foram se distanciando, algumas mais no início, outras recentemente com os desdobramentos da pandemia. Eu diria que a maior parte da nova direita ainda apoia criticamente o governo. Mas várias lideranças vem desembarcando. O próprio MBL já assinou um pedido de impeachment do presidente. Eu vejo essa tendência de desembarque do bolsonarismo hoje”.

BUSCA DE UM NOME

De olho nas eleições de 2022, Camila acredita que ainda não há um consenso da nova direita sobre qual candidato receberá o seu apoio. A tendência é ter uma candidatura alternativa a Bolsonaro, “mas esse nome ainda não surgiu”. “Pelo que conversei com as pessoas que conheço da nova direita, se acontecer de, no segundo turno, ficar Bolsonaro contra Lula, o PT, novamente, é muito possível que se apoie Bolsonaro de novo”, disse Camila.

ENTREVISTAS



METROPOLE

EDITAL DA DÉCADA AFRODESCENDENTE 2021

Estão abertas as inscrições de projetos para o Edital da Década Afrodescendente. São R\$ 3 milhões que vão contemplar até 60 projetos com o máximo de R\$ 50 mil para cada um. Este ano, o edital está em total sintonia com as estratégias estabelecidas pelo Governo do Estado para o enfrentamento da pandemia.

Inscriva seu projeto e ajude a promover sustentabilidade e geração de renda para a população negra, povos e comunidades tradicionais.

R\$ 3 milhões para 60 projetos

Modalidades

1. PRÁTICAS EMPREENDEDORAS SOLIDÁRIAS 2. ASSESSORIA TÉCNICA E DISTRIBUIÇÃO DE INSUMOS

Inscrições até 12 de setembro

proposta.edital.2021@sepromi.ba.gov.br

Mais informações

www.sepromi.ba.gov.br



DÉCADA INTERNACIONAL
AFRODESCENDENTE
BAHIA - ESTADO ÁFRICA

SECRETARIA DE PROMOÇÃO
DA IGUALDADE RACIAL



**GOVERNO
DO ESTADO**